

The book cover features a vibrant, hand-drawn illustration of a tropical jungle. The scene is dominated by various shades of green and blue. In the upper left, a river with blue wavy lines flows through the landscape. The background shows a line of palm trees under a light sky. The foreground and middle ground are filled with large, detailed leaves and ferns. At the bottom, a group of indigenous people, depicted in brown and white patterns, are engaged in various activities like walking, sitting, and interacting. The overall style is artistic and colorful.

*edelbra*

# O diário de Kaxi

Um curumim descobre o Brasil

Daniel Munduruku

Ciça Fittipaldi

## 13 de abril

Meus amiguinhos, conforme me foi pedido pelos nossos *ajot*<sup>1</sup>, escrevo este diário da viagem que eu, Kaxi, vou fazendo à cidade grande. Mas não é apenas porque os velhos me pediram, é também porque foi o que eu disse que faria, como forma de estar mais perto de nossa aldeia e, é claro, de todos vocês e das nossas brincadeiras.

Como todos já sabem, saí da aldeia lá pelas 10 horas, mas não estava com muita vontade, não. Muita gente já tinha me falado que a vida na grande cidade era difícil e, confesso, senti muito medo quando meu pai me disse que eu precisava vir para cá, seguir o caminho para melhor ver as coisas. Seria um teste de coragem e de força.



1 AJOT: avô ou velho, termo que designa pessoa experiente, sábia; conselheiro.



## Chuva no caminho

Quando saímos da aldeia, logo fomos alcançados por uma grande chuva que nos acompanhou até perto da cidade. Tivemos de nos cobrir com a lona gigante. Enquanto a chuva caía lá fora, pude anotar alguns pensamentos que nossos avós nos dão:

NUNCA ESTAMOS SOZINHOS. NOSSOS ANTEPASSADOS TÊM OS OLHOS VOLTADOS PARA NÓS.

NÓS SOMOS PEQUENOS E SOMOS GRANDES PORQUE CADA COISA QUE EXISTE É PEQUENA E É GRANDE.

CADA CAMINHO PRECISA SER PISADO MUITAS VEZES ATÉ SE TORNAR SEGURO.

O MELHOR MOMENTO PARA SE VIVER É SEMPRE O HOJE.

Confesso que nunca entendi direito o que essas frases querem dizer, mas parecem ser importantes, porque nossos velhos sempre as repetem.



Já estamos chegando onde vamos desembarcar. Estou morrendo de fome. Gostaria de comer um peixe assado bem grande, mas tudo o que temos é um pouco de farinha de tapioca que dá para comer com melancia.

Mais tarde, vamos pegar o pássaro de ferro que nos levará para a cidade. Isso é outra coisa que não entendo e que me deixa confuso. Nossos avós nos ensinam que a melhor viagem que podemos fazer é aquela que nos joga para dentro dos sonhos, quando a gente pode encontrar nossos antepassados e falar com eles, pode conhecer nossos pais criadores e ouvir da boca deles como foi que o mundo apareceu. Qualquer outra viagem só tem sentido se for para fazer visita aos nossos amigos e parentes, mas a viagem que estou fazendo vai me colocar diante do desconhecido. Será que vale a pena?



## No pássaro de ferro

Chegamos ao ninho do pássaro de ferro na hora em que o Sol começa a se preparar para se esconder. Tinha muita gente lá, e, pelo que pude entender, alguns estavam brigando porque não tinha lugar para todo mundo. Esse pássaro de ferro é do governo e, por isso, transporta as pessoas doentes e outras que querem carona. Parece que, para mim e para meu pai, estavam garantidas duas vagas.

Um homem de roupa engraçada chamou todo mundo que viajaria, mandou todos entrarem na barriga do pássaro e disse umas palavras sobre a amarração do nosso corpo na cadeira. Fiquei observando como era a barriga do pássaro. Vi que era bem grande e que todas as pessoas se sentavam com um pouco de medo. Não tive medo porque nem sabia direito o que era aquilo. Só comecei a sentir um frio na barriga quando o pássaro deu a primeira arrancada, sacudindo todos os que estavam dentro de sua barriga. Ouvei até alguém dando pequenos gritos de medo.

O pior foi quando o pássaro começou a roncar. De repente, ele deu um pulo e passou a correr, como se alguém estivesse vindo atrás dele. Correu, correu, correu e passou a deslizar no céu como um verdadeiro pássaro que voa de asas abertas. Lembrei de um sonho que eu sempre tinha quando era menor: eu corria, corria até voar rumo ao céu. Nosso avô diz que sonhar faz parte da vida e que, sem o sonho, nosso corpo deixa de viver. Pensei nisso um pouco quando o pássaro estava subindo. Fiquei em silêncio ao lado de meu pai, olhei as nuvens no céu e fiquei pensando como os *pariwat* conseguiram voar

criando um pássaro gigante. Depois de algum tempo pensando, dormi e sonhei.

Sonhei que estava voando sobre a aldeia. Estava de braços abertos e ia aonde meus braços mandavam. Foi um sonho muito divertido, pois eu passava pelo meio das árvores assustando nossos amigos da floresta, que gritavam reclamando da minha loucura. Não lembro como acabou esse sonho. Só me lembro do meu pai me chamando porque o pássaro já começava a descer em outro ninho.

Me agarrei na cadeira e esperei o pássaro colocar as garras no chão. Olhei para fora e vi muitas casas cheias de luzes passarem por mim com uma rapidez que lembrava uma corrida de onça. Meu pai disse que aquilo era como nossa aldeia, mas que as pessoas chamavam de cidade. Uma diferença entre nossa aldeia e a cidade dos *pariwat* era que, para nós, todo mundo é parente, irmão, primo. Para eles, as outras pessoas são como estranhos, um não conhece o outro. Achei muito esquisita essa explicação, mas fiz que entendi tudo.



## 16 de abril

Acordei bem cedinho. Olhei para o lado e vi que Gabriela já não estava na cama. Desci a escada e fui até a cozinha. Gabriela estava ali, preparando comida. Quando me viu, veio ao meu encontro com um prato cheio de pão. Peguei e comecei a comer depressa. Lembrei da aldeia. De manhã, a gente sempre come beiju, mingau de banana, mandioca, carne, farinha com melancia. A gente come à vontade, sem ter vasilha para colocar as comidas. Come com a mão, na cuia, na panela. Aqui na cidade, não. Tem de ser com uns ferrinhos para espetar o alimento e uma faca para cortar. Gabriela percebeu que eu não sabia usar nada daquilo e logo passou a comer com a mão. Assim ficou mais gostoso.

Depois que comemos, Gabriela me levou para fora da casa, um lugar que ela chama de cantinho. Parece uma roça, cheia de plantações. Ela disse que seus pais gostavam de plantar um pouco de tudo.

Então ela me fez uma surpresa: me mostrou um monte de papel escrito e alguns desenhos. Ela falou que eu não precisaria me preocupar em explicar a vocês como é a vida da cidade. Ela mesma faria isso! Coloquei no meu diário as palavras e desenhos da Gabriela. Eu gostei muito do que ela escreveu. Espero que vocês gostem também.



